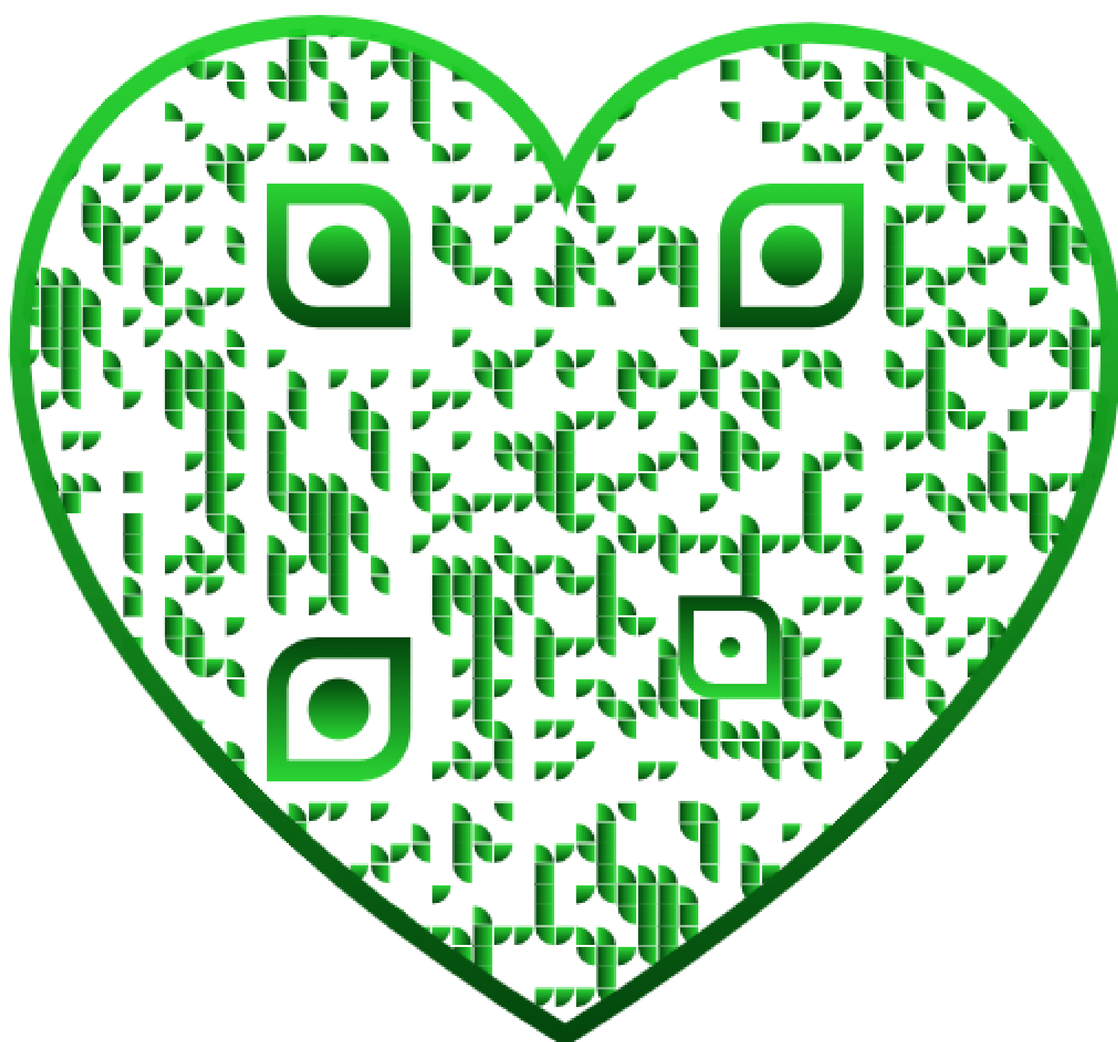
[MAIS DE 2,5 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS EM TODO O MUNDO]

JOHN L. SHERRILL

ELES FALAM EM OUTRAS LÍNGUAS

UM JORNALISTA CÉTICO INVESTIGA RUMORES DE UM MOVIMENTO PENTECOSTAL. O RESULTADO SURPREENDEU-O.





Contracapa

O movimento pentecostal em suas raízes históricas e teológicas

"Minha esposa Elizabeth e eu estamos muito agradecidos pela nova edição de *Eles Falam em Outras Línguas*, pela Arte Editorial.

Nossa sincera oração é que este livro possa cumprir seu papel de aprofundar ainda mais, no Brasil, uma relação real e vital com o Espírito Santo."

John L. Sherrill

"Falar em línguas?" – Que é isso?

Foi exatamente isso que John Sherrill resolveu descobrir. Sendo cético no tocante aos milagres, esses tiveram de ser provados para ele. E foram. Sherrill fez pesquisas em todo o país – nas casas de teólogos e de operários, em bibliotecas imensas e em cultos em Igrejas onde os membros "batem palmas". Finalmente, teve uma experiência pessoal com "o falar em línguas", dirigido pelo Espírito. O resultado é um texto onde o autor combina a pesquisa com um estilo fluente e lúcido.

"Para todos aqueles que gostariam de saber sobre o que versa a discussão acerca das 'línguas', este é o livro a ser lido. O volume de John Sherrill, *Eles Falam em Outras Línguas*, é uma valiosa síntese de fundo histórico e bíblico, dos acontecimentos contemporâneos e de suas próprias experiências pessoais extraordinárias. É justamente esse último aspecto que dá a este livro seu caráter único e inesquecível". – *Catherine Marshall.*

(da apresentação da primeira edição)



Sumário

Introdução 7

Prefácio 9

O Salto 11

A Estranha História de Harald 23

Testemunha Inesperada 35

A Tolice de Stone 43

Que Modo Louco de Crescer! 59

Os Muros vão Ruindo por Terra 69

Uma Visita da Lídia 91

Por Que Alguém Desejaria Falar em Línguias? 105

História de Detetive 119

O Batismo no Espírito Santo 139

Quarto 405 155

Passando pela Porta Vermelha 167

Casando o Velho com o Novo 179

* O livro encontra-se disponível para leitura na web no seguinte link do Google livros. Porém, encontra-se disponível também ali o livro parcial, apenas até a pág. 44.

Introdução

Os dias tremendos nos quais estamos vivendo não podem ser corretamente enfrentados sem termos um poder excepcional em nossas vidas. Duas são as reações possíveis, do ponto de vista humano, aos grandes crimes: ou se morre de coração rompido, ou se impõem extraordinárias medidas de repressão. O terceiro caminho é divino e inclui uma coragem, resistência e paciência vindas dos altos Céus, aliadas ao amor, ao perdão e à compaixão, que são virtudes divinas. Tanto o desmaiar, como o irromper em fúria são extremos humanos no meio de situações dramáticas que exigem soluções que só a sabedoria e o poder do próprio Deus podem indicar.

No começo do século passado, iniciou-se um período de mutações tão espantosas na ciência e na política, que ninguém fica à altura dos acontecimentos, e surgiram guerras mundiais, movimentos subversivos de caráter internacional e um desprezo generalizado pelos valores religiosos, desprezo esse liderado pelos próprios teólogos. Justamente, nesta mesma época, Deus começou a derramar sobre o mundo enormes medidas de poder espiritual, que oferecem ao homem condições de vencer estas ondas de ódio, de materialismo, de desespero, de descrença organizada.

Este movimento ficava dentro dos moldes da atuação que Deus já revelara durante todos os séculos da história humana, conforme atesta a Bíblia no Antigo e no Novo Testamentos, e conforme atesta a experiência secular da Igreja Universal. Ressurgiram experiências que tinham sido sentidas em várias épocas e em várias igrejas. Mas muitas igrejas, ao optar por uma posição contrária a

muitas destas manifestações do poder de Deus na vida humana, foram perdendo sua potencialidade de fazer frente às profundas necessidades espirituais do homem, enquanto as pessoas que receberam esta nova experiência espiritual foram se separando de muitas das doutrinas e práticas das organizações mais antigas. Assim, ambos os lados passaram a perder muita coisa.

Meu desejo é que este livro possa ser uma contribuição para pôr fim às barreiras que separam o homem das bênçãos divinas.

Gordon Chown

Prefácio

Assim que me juntei ao coro de nossa igreja local, no último outono, percebi que havia um erro. As belíssimas antemas que tanto me haviam encantado a cada domingo eram muito mais difíceis do que pareciam! À proporção que aumentava a minha admiração pelo resto do coro, caía por terra o conceito que eu fizera de mim mesmo como cantor. Eu não sabia ler música sem dificuldade, meu alcance de voz era pequeno, meu volume era pouco. Mas o coro precisava de vozes masculinas, e os outros membros procuravam encorajar-me, entregando-me sugestões sobre o controle da respiração, sobre a tonalidade, sobre a pronúncia das sílabas. Gradualmente minha mente absorveu um pouco disso tudo, mas os sons que saíam de minha garganta eram tão insatisfatórios como sempre.

Então, certa noite em que estávamos ensaiando, aconteceu que me sentei em uma cadeira diretamente defronte de Bill Brogan. Ao soar o magnificente baixo do irlandês grandalhão, algo de realmente notável aconteceu com meu próprio modo de cantar. Comentei isso depois do ensaio.

"Se isso o ajudou", disse Bill, "eu lhe mostrarei algo melhor ainda na próxima semana".

Na quinta-feira seguinte, ele se sentou ao meu lado, Mais ou menos pela metade do coral do Advento, ele sussurrou: "Encoste-se em mim".

Olhei para ele, sem compreender.

"Deixe seu peso apoiar-se em mim".

Eu ainda não compreendia a razão, mas inclinei-me para trás até que meu ombro se encostou a seu peito.

E subitamente entendi o que era realmente cantar. As ressonâncias de sua voz profunda engolfaram a minha própria voz; sem qualquer esforço, produzi tonalidades que jamais pensara estarem em mim.

Durou apenas momentos aquele meu breve período de virtuosidade, mas o incidente me impressionou duplamente, porque era o resumo de uma outra seqüência semelhante em minha vida. Uma vez, antes, eu passara da pesquisa intelectual para a própria presença da coisa e então para algo quase como um contacto físico. Porém isso já é a história deste livro...

John L. Sherrill



Capítulo I

O Salto

Ainda me lembro que ia assobiando ao caminhar a pé pela Park Avenue, na cidade de New York, naquela manhã de primavera, em 1959, dirigindo-me para uma visita de rotina ao médico. Fui entrando pela porta do prédio 655, e cumprimentei com um aceno de cabeça a recepcionista – agora ela já me parecia ser uma velha amiga. Eu vinha freqüentando o consultório do Dr. Daniel Catlin mensalmente, depois de uma operação de câncer que fizera havia dois anos passados. E a cena era sempre a mesma: os dedos hábeis do médico desciam pelo meu pescoço, eu ganhava uma palmadinha nas costas – "Venha ver-me dentro de um mês".

Mas não fora assim naquele dia. Dessa vez os dedos pararam, apalparam e trabalharam por longo tempo. E, quando fui embora, estava marcada uma operação para dois dias depois, no Memorial Hospital.

Que diferença se produziu naquela manhã de primavera! Eu vinha voltando pela mesma rua, recebendo os mesmos raios de sol, mas agora caminhava dentro de mim um receio frio, estonteante. Eu já conhecia esse temor: todos os pacientes de câncer sabem do que se trata. Porém procuramos mantê-lo subjugado; ficamos por cima dele, mediante vários esquemas mentais. O meu esquema era a noção de que uma só operação não tinha importância, contanto que os médicos não nos chamassem para uma segunda intervenção – só nesse caso é que haveria motivos de receios.

Por isso, agora eu não podia mais dominar os meus temores. Eles se levantavam, derrubando por terra todos os raciocínios. E

me refugiei na primeira igreja que encontrei, buscando trevas e um lugar solitário mais do que qualquer outra coisa. Era a Igreja Episcopal de São Tomé, na Quinta Avenida, e, quando ali entrei, as sirenas do meio-dia apitavam. Para minha surpresa, um coro de meninos, todos vestidos de branco, estava seguindo para os lugares à frente, e, minutos mais tarde, um jovem seminarista subiu ao púlpito. Um cartão deixado no banco revelou-me que eu tropeçara em uma meditação de quaresma, realizada ao meio-dia.

Naquele dia eu não o sabia, mas minha breve permanência ali foi a chave para a mais espantosa experiência da minha vida.

Naquela ocasião, pareceu-me tremendamente irrelevante para o meu problema. O jovem fez breve consideração sobre Nicodemos. "Muitos de nós procuramos", dizia ele, "aproximar-nos de Cristo à maneira de Nicodemos: mediante a lógica." 'Rabi, sabemos que és mestre vindo da parte de Deus...' E acrescentou o seu motivo – um motivo lógico – "... porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele'." (João 3.2)

"Mas, fiquem sabendo, enquanto Nicodemos tentava chegar a compreender a Cristo por meio da lógica", continuou o seminarista, "não teve sucesso. Não é a lógica, mas uma experiência, que nos leva a conhecer quem é Cristo. O próprio Senhor disse isso a Nicodemos: 'Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus'." (João 3.3)

Naquela ocasião, conforme eu já disse, isso tudo significava menos do que nada para mim. No entanto, na manhã seguinte, eu haveria de ouvir, de novo, exatamente, aquelas palavras. Minha esposa, Tib, e eu estávamos tomando café após uma noite em que não conciliamos o sono, quando o telefone tocou. Era a nossa vizinha, Catherine Marshall Le-Sourd.

"John", dizia ela, "você e Tib poderiam entrar no carro e vir até aqui em casa por alguns minutos? Ouvi a notícia, e há algo que preciso dizer-lhes".

Catherine veio ao nosso encontro na porta, vestida com roupas caseiras, sem maquilagem nem sorriso, o que falava mais do que as palavras sobre a preocupação dela. Levou-nos para a sala

de estar, fechou a porta e, sem trocas de conversa educada, começou a falar.

"Em primeiro lugar, quero dizer que sei que é presunção minha, mas vou falar sobre a vida religiosa de vocês e não tenho o direito de pensar que está faltando a ela alguma coisa. Afinal, você tem escrito para o *Guideposts* por dez anos até agora; vocês respeitam a religião, tem-na estudado sob muitos ângulos. Mas há muito mais coisas na religião do que isso..."

Olhei para Tib; ela estava sentada, imóvel como uma rocha.

"John", perguntou Catherine, "você acredita que Jesus era Deus?"

Essa era a última pergunta, no mundo, que eu poderia esperar. Eu havia imaginado que ela tinha algo a dizer sobre como Deus era capaz de curar, sobre como a oração é um sustentáculo maravilhoso quando estamos com receio – algo a ver com a crise que eu estava enfrentando.

Mas, já que ela fizera a pergunta, agora eu a estava analisando. Certamente que eu e Tib éramos cristãos, no sentido que escrevíamos "protestante" em questionários sobre religião, freqüentávamos a igreja com alguma regularidade, e enviávamos os nossos três filhos à Escola Dominical. Contudo, eu sabia que esses eram meros hábitos: o fato é que eu nunca chegara a pensar seriamente nessa pergunta – Jesus de Nazaré é realmente Deus? E agora, quando tentava, havia montanhas de lógica que me faziam deter-me. Comecei a defini-las para Catherine, porém ela me fez parar.

"Você está tentando aproximar-se do cristianismo mediante a sua mente, John", disse ela. "Isso simplesmente não pode ser feito desse modo".

Era a repetição daquela pregação. E Catherine prosseguiu. "Uma das peculiaridades do cristianismo é que ninguém pode chegar até ele por meio do intelecto. É preciso primeiro que estejamos dispostos a experimentá-lo, fazendo algo que não entendemos – e, então, muito estranhamente, a compreensão freqüentemente se segue. E é justamente essa a minha esperança a seu respeito hoje... que, sem compreender, e mesmo sem saber por que, você possa dizer 'Sim' a Cristo".

Fez-se silêncio no quarto. Eu tinha uma eternidade de reservas. Mas, ao mesmo tempo, tive o súbito desejo de fazer exatamente o que ela me sugeria. A maior reserva de todas, segundo expliquei francamente, é que não me parecia correto ter ficado afastado durante todos esses anos e depois vir correndo, agora que eu estava com câncer e estava assustado e tinha sido posto contra a parede.

"Eu me sentiria um hipócrita", disse eu.

"John", disse Catherine quase num sussurro, "isso é orgulho. Você quer aproximar-se de Deus à sua própria maneira. Quando você quiser. Conforme você quiser. Forte e saudável. Mas talvez Deus o queira agora, sem qualquer coisa que o recomende pessoalmente".

Conversamos ainda por talvez meia hora e, quando partimos, eu ainda não me resolvera a dar aquele passo que parecia ser todo-crucial. Poucos momentos mais tarde, entretanto, justamente quando o carro passava defronte de certo poste telefônico na estrada Millwood, em Chappaqua, um poste que até hoje posso apontar, voltei-me para Tib e disse em voz alta:

"O que é que eles chamam 'um salto de fé'? Pois bem, vou dar esse salto: eu creio que Cristo era Deus".

Foi dessa maneira fria que joguei por terra aquilo que, segundo meu entendimento, deveria ser lógico, e o fiz destituído de convicção emocional. E, nessas palavras, saiu algo que era essencialmente "eu". Todo o feixe de consciência própria que chamamos de "ego" pareceu ser envolvido, de algum modo, nessa decisão. Era espantoso o quanto isto me feria, quão desesperadamente aquilo lutava pela existência, de tal forma que houve uma verdadeira forma de morte envolvida em tudo. Mas, quando finalmente morreu e ficou quieto, e eu deixei escapar minha simples declaração de crença, houve em mim espaço para algo novo e inteiramente misterioso.

A primeira indicação de que havia agora algo de diferente em mim veio de uma maneira um tanto deselegante, no hospital. Pouco antes da operação, uma vivaz e jovem enfermeira entrou para

aplicar-me uma injeção. Desde os meus dias no exército, tenho tido um horror mórbido de agulhas, quer manejadas por jovens bonitas, quer não. No entanto, dessa vez, não fui assaltado por quaisquer terrores.

"Muito bem, vamos virar de lado", disse a minha enfermeira em seu tom mais profissional. Mas, ao terminar a aplicação, seu tom de voz mudou: "Puxa, o senhor é do tipo calmo! Age como se estivesse aqui de férias".

Não foi senão depois de ela ter-se ido que percebi quão verdadeiro e curioso era aquilo. Eu estava tranqüilo, profunda e verdadeiramente; e ali, deitado em meu leito de hospital, comecei a suspeitar de que algo de muito marcante estava acontecendo comigo. Era como se, em alguma região secreta e indefinível de meu próprio ser, eu soubesse que, sem importar qual o resultado daquela operação, tratava-se apenas de uma inconveniência em uma existência que era nova e estranha e totalmente independente de hospitais e cirurgiões, enfermidade e recuperação de saúde.

Pouco depois, chegaram alguns auxiliares, que me tiraram do leito e me puseram em uma maca. Lembro-me dos rostos dos auxiliares, que olhavam para mim, bem como de uma rachadura no teto do corredor, que ia passando por cima da minha cabeça. A luz fluorescente do gigantesco elevador não estava funcionando muito bem; piscava, acendendo e apagando. Depois havia outras luzes, ofuscantes, bem acima de minha cabeça, e, do meio delas, apareceu o rosto do Dr. Catlin, envolto em uma máscara. Sorri para ele, e ele me sorriu de volta e perguntou-me se eu estava pronto.

"Pronto e esperando".

Houve uma outra injeção, e pareceu-me que passara apenas um instante antes de eu despertar novamente, desta vez em uma sala onde eu nunca estivera antes. Já era de noite. Eu entrara na sala de operações às oito horas da manhã. Por que fora preciso tanto tempo? Tubos de borracha saíam de ambos os lados de meu peito, bem como de um buraco na minha garganta. Alguma espécie de "máquina" zunia e gorgolejava por detrás de mim, mas fora de minha vista.

E a dor. A pior que eu já experimentara. Estava no meu peito, onde os tubos se encontravam. Uma enfermeira, percebendo que eu acordava, veio tomar-me o pulso. Tentei falar, mas não pude. Gesticulei com vivacidade, apontando para os tubos.

"O doutor virá vê-lo pela manhã. Tente dormir um pouco".

Eu gostaria de poder dizer aqui que, tendo dado meu salto de fé, aquelas horas na enfermaria de recuperação foram um triunfo da alma sobre o corpo. Mas não é verdade. A dor me desmoralizava completamente. Alguma coisa correra errado na mesa de operação, e eu não tinha experiência suficiente em minha nova vida cristã para encontrar muita coisa diferente em que pensar.

Na manhã seguinte, despertei ainda em uma outra sala. Pouco a pouco, consegui reconhecer o teto, a janela e as cortinas de correr de meu quarto original, no hospital. Os tubos continuavam projetados de meu peito e de minha garganta, e máquinas continuavam borbulhando em algum lugar, por detrás de meu leito. Mas finalmente obtive algumas informações. O Doutor Catlin veio ver-me. Inclinou-se por sobre o leito e, em meu estado de semiconsciência, consegui apanhar as suas palavras:

"Você está indo muito bem agora. Houve uma pequena dificuldade na mesa de operações. Seus pulmões deixaram de funcionar. Traqueotomia. Mas, em seu pescoço, tudo está indo muito bem. Agora descanse".

Por mais um outro dia, fiquei inerte no leito, meio dopado, consciente ocasionalmente de uma visita de minha esposa, ou de minha mãe, ou do médico. Mas, perto do fim do segundo dia também tomei consciência da presença de outros pacientes na sala. Um deles era um homem de mais idade que estava tendo grande dificuldade com uma tosse. Um outro era um jovem que acabara de vir da sala de recuperação e sofria dor intensa.

Naquela noite, pela primeira vez, fui capaz de pensar em orar. Tentei falar com o Cristo acerca de quem eu expressara a minha crença, mas foi como falar para o ar acima de minha cama. De maneira alguma, senti que estava em contato com alguém. Preocupava-me com meus colegas de quarto, o homem com tosse e o

jovem que tanto sofria. Tentei orar por eles, mas nada aconteceu. Depois de alguns momentos, acabei adormecendo, sentindo, mais do que qualquer outra coisa, que cada um de nós, daquela sala, estava muito abandonado.

A noite chegara ao meio, e eu estava acordado. Perfeitamente desperto, sem transição do sono. Uma pequena luz coava-se até nós, vinda do corredor, e também entrava pelas janelas. Uma enfermeira passou defronte da porta, com sapatos de sola de borracha. Ambos os meus colegas de quarto estavam inquietos, um tossia e o outro gemia suavemente.

Não sei como tomei consciência inicial daquela luz. Mas estava ali, sem transição, da mesma forma que eu acordara, estando já bem desperto. Era diferente da luz que entrava pela porta e pela janela: era mais uma iluminação do que uma luz com origem definida. Havia, porém, algo de notável naquela luz: de algum modo, tinha um centro de consciência. Fiquei admirado, mas não temeroso. Pelo contrário, havia um senso de reconhecimento, como se eu estivesse vendo um amigo da infância, fisicamente muito transformado, de modo que eu reconhecia uma totalidade, ao invés de uma característica especifica.

"Cristo?" perguntei eu.

A luz moveu-se fracamente. Realmente não se moveu: mas simplesmente ficou, de súbito, mais perto de mim, sem sair do lugar onde estava. Por um momento, pensei que as dores, por debaixo de minhas ataduras, estavam diminuindo, mas não era assim. Algo aconteceu com aquele encontro, todavia. Era como se eu estivesse explodindo de saúde por toda parte.

Meus colegas de quarto continuavam agitados, tossindo e gemendo. "Cristo", disse eu, apenas movendo os lábios, "queres ajudar aquele menino?" A luz não me abandonou, mas, de alguma forma estranha, estava agora também ao lado do leito do rapazinho que sofria. Um pequeno "Ohhh..." saiu de sua boca, e ele fez silêncio.

"E meu outro amigo?" A luz instantaneamente se centralizou sobre o leito do homem mais idoso, que estava no meio de um

espasmo de tosse. A tosse cessou. O homem suspirou e virou-se no leito.

E a luz desapareceu.

Levantei a cabeça o mais que pude do travesseiro e procurei-a com os olhos, pelo quarto, mas havia apenas a luz amarelada vinda do corredor e a que passava pela janela. A enfermeira vinha voltando pelo corredor. Um automóvel buzinou lá fora, na escuridão da noite. A máquina por detrás de meu leito zumbia e chiava. Tudo estava exatamente como era. Exceto que, deitado em meu leito, no Memorial Hospital, com ataduras envolvendo-me a cabeça, o pescoço e o peito, a despeito da dor que ainda me traspassava, eu sentia uma onda de bem-estar como nunca antes conhecera. Chorei por muito tempo, de pura alegria.

Fiquei acordado até o alvorecer, pensando que talvez aquela extraordinária luz ainda pudesse voltar. Durante todo esse tempo, meus dois companheiros de quarto dormiam tranqüilamente. Quando chegou a enfermeira da manhã, com a bandeja de termômetros, encontrou-me ainda desperto.

"Você parece descansado", disse ela.

"E estou mesmo".

Ela se voltou para meus companheiros de quarto. "Bem, isso é ótimo. E eles estão ambos dormindo. Penso que cuidarei deste quarto um pouco mais tarde".

Recebi alta do hospital uma semana inteira mais cedo do que o Doutor Catlin havia predito, tão rapidamente sarou o meu corpo.

Por vários dias depois que eu recebera alta do hospital, tentei relatar a Tib o encontro que eu ali experimentara. Mas, para meu grande embaraço, cada vez que eu abria a boca para começar a contar, a mesma coisa acontecia: as lágrimas caíam em borbotões de meus olhos, e eu sabia que, se tentasse proferir, apenas, uma palavra mais, ficaria chorando alto como uma criança. Foi somente quando decidi que Tib teria de saber da ocorrência, com lágrimas ou sem lágrimas, que consegui contar-lhe tudo.

"Você pensa que foi um sonho?" perguntei-lhe, quando nem bem terminara a minha história, um pouco choroso.

"Não creio que um sonho pudesse afetá-lo dessa maneira".

"Nem eu, também".

Havia duas outras pessoas que eu sentia que deveriam saber da história, Len e Catherine Le-Sourd. Avisei a eles que talvez me fosse difícil relatar-lhes a experiência, e realmente aquele estranho fenômeno se repetiu: comecei procurando ser bem realista, mas, a meio caminho, não consegui evitar o choro.

"Você está vendo como é difícil?" disse eu, tentando espantar com uma risada o meu embaraço.

Mas Len disse: "São essas lágrimas, John, mais do que qualquer outra coisa, que me fazem ver que tudo foi muito real. Tome o tempo que precisar para contar tudo".

E então contei-lhe tudo. "E você tornou a ver a luz?" perguntou Catherine, quando terminei.

"Não".

"E não penso que você deva esperar que se repita mesmo", disse ela. "Essa forma de encontro face a face com Cristo usualmente ocorre apenas uma vez. Aconteceu comigo de maneira muito semelhante à sua. Com Len foi inteiramente diferente. Mas é essa certeza de que foi Cristo que é realmente admirável, sem importar como tenha acontecido".

E então Catherine disse algo muito interessante. E, segundo vimos depois, foi uma espécie de profecia. "Estou alegre porque você nos disse isso. Contar o fato o ajudará a fixá-lo em sua própria memória, para quando tudo isto já não lhe parecer mais real". E sorriu um tanto saudosamente. "Eu gostaria que houvesse um meio de a gente sempre sentir-se como você se está sentindo agora. Mas, até onde sei, esse meio não existe. Uma vez que se perca o frescor desse primeiro encontro, temos de andar simplesmente pela fé".

Foi preciso algum tempo para eu compreender o que ela queria dizer. Então, e durante as semanas que se seguiram, vivi no esplendor daquele encontro. O relatório médico, quando finalmente me foi entregue, no que respeitava ao câncer, era encorajador. Para minha surpresa, todavia, descobri que isso não me importa-

va mais tanto quanto eu esperava. Algo mais arrebatador ocupava agora a minha mente. Eu queria conhecer mais ainda esse Cristo com quem me encontrara.

Por algum tempo, tudo me foi fácil, e, com freqüência, eu pensava sobre Ele. Tudo acontecia automaticamente, de fato. Ler a Bíblia era uma experiência inteiramente nova, porque eu podia compreender, pela primeira vez, muitas coisas que antes me tinham deixado perplexo. Por exemplo, como Jesus pôde recrutar discípulos simplesmente dizendo-lhes: "Segue-me". Agora isso era fácil de acreditar: aquela Presença que eu sentira era algo que eu seguiria até o fim do mundo. As narrativas sobre curas eram para eu reviver aquela noite no hospital. A declaração de João "Deus é amor" agora era para mim mais uma descrição do que um princípio.

Porém, passando-se as semanas e então os meses, foi-se dissipando aquela nitidez inicial. Depois de algum tempo, já não era tão fácil apanhar a Bíblia; a freqüência aos cultos foi sendo aos poucos, porém inexoravelmente, transformada em uma simples rotina. E, certo dia, visitando um amigo no hospital, contei-lhe a minha experiência e cheguei ao fim da história de olhos enxutos. Isso, mais do que qualquer outra coisa, convenceu-me de que aquilo que eu tinha era uma simples lembrança e já não era uma realidade viva.

E será que isso era tudo quanto me restaria agora? Senti-me um tanto como os discípulos devem ter-se sentido quando, depois de Cristo ter andado ao lado deles por alguns poucos anos, subitamente se ausentou deles. Minha tristeza era profunda, e grande era o meu anseio de voltar a ter um encontro com ele; todavia, conforme Catherine havia predito, não havia muito que eu pudesse fazer a respeito, além de "andar pela fé".

Em conversa com outros crentes, descobri que esta era uma experiência extremamente comum. Havia um encontro comparável com o cume de um monte, um período em que a realidade de Cristo era inequívoca, e então uma lenta descida para níveis mais baixos. Havia um breve momento de intenso amor, de alegria e de tranqüilidade no mais íntimo do ser, um período de real pleni-

tude quando, sem esforçar-se pelo controle próprio, a atitude do crente era paciente, bondosa e gentil. Aquilo era o tempo da crença. E então uma enfraquecida sequidão entraria em vigor.

Assim é que deveria ser? Será que os crentes deveriam viver baseados em suas memórias? Eu duvidava um tanto disso: as memórias se dissipam e ficam confusas.

E, então, cerca de um ano depois de meu encontro com Cristo, no hospital, conheci um homem que me contou uma história excitante. A princípio, minha atenção deixou-se atrair por ser uma história tão fora do comum... Certamente que, na época, eu nem sonhava que essa história continha a resposta para as minhas perguntas.

Capítulo II

A Estranha História de Harald

Quem me falou pela primeira vez de Harald Bredesen foi a Sra. Norman Vincent Peale, co-redatora, com seu marido, do *Guideposts*. Estávamos reunidos em sessão regular de segunda-feira à noite, para tratar de questões editoriais, quando ela chegou um tanto ofegante.

"Desculpem-me por haver chegado tarde", disse ela. E então, antes mesmo de tirar o casaco... "...acabo de jantar com um jovem que me deu uma grande surpresa – e muito sobre o que pensar".

Eu já vinha trabalhando com Ruth Peale por dez anos. Entre nosso pessoal, todos a respeitavam por sua grande qualidade de equilíbrio e bom senso bem dosado. Sempre podíamos contar com ela para trazer-nos de volta à realidade, se porventura nossos pensamentos começassem a vaguear demais ou a ficarem muito abstratos. Por esse motivo, maior foi a atenção que dei à estranha história que Ruth me contou naquela noite. Parecia algo tão fantástico que, se tivesse saído de outros lábios, eu não teria levado a história a sério.

"Você já ouviu alguma vez a expressão 'falar em línguas'?" indagou ela.

A maioria de nós lembra-se de ter lido, em algum lugar, essa frase. Deve vir da Bíblia, pensei eu.

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos... Será essa a expressão?" disse eu.

"Essa é uma das referências", disse Ruth, "Também é mencionado nos evangelhos, e Paulo alude ao falar em línguas por diversas vezes, mas a maioria das referências se encontra no livro de

Atos. Parece que o falar em línguas era uma parte muito importante na vida da Igreja primitiva. Muito mais do que eu percebia".

"Pois bem, meu convidado para o jantar disse que ele mesmo passara por essa experiência. E não só ele, como também alguns de seus amigos. Norman e eu ficamos assentados, boquiabertos, enquanto ele nos contava acerca de pessoas, pela nação inteira, com quem isso está acontecendo. Parece que as línguas, algumas vezes, se revelam como autêntico idioma, que certos ouvintes entendem, embora o próprio indivíduo que fala nunca tenha antes estudado aquele idioma. Parece uma coisa louca, não é verdade? Mas há algo na pessoa desse homem..." E ela fez uma pausa. "Bem, quanto a mim, quero saber mais a respeito".

Terminada a reunião, revelei a Ruth que desejava conversar com esse homem que falava em línguas. Eu pensava que talvez desse uma boa história para a revista. E, de fato, tive uma entrevista com ele. Porém, quanto mais eu me aprofundava na matéria, mais eu percebia que tropeçara em algo grande demais para um simples artigo de revista.

Harald Bredesen é um ministro consagrado, pastor da Primeira Igreja Reformada, de Mount Vernon, New York. É mais ou menos da minha idade, ou seja, está no fim da casa dos trinta. Usava colarinho clerical, começava a ficar calvo e o seu estado de excitação era contagiante. Bredesen e eu tomamos uma refeição em um restaurante próximo de meu escritório, e ali, no meio de xícaras de café e de açucareiros, ele me contou uma história que parecia vir de um mundo diferente.

Alguns anos antes, Harald Bredesen, embora ativamente ocupado no trabalho de sua igreja, fora também um jovem insatisfeito. A ele parecia que a sua vida religiosa não tinha vitalidade, especialmente quando confrontada com as experiências dos crentes primitivos de que nos fala o Novo Testamento.

"Havia uma excitação, uma vida pulsante na Igreja jovem", disse Bredesen. "A Igreja de nossos dias, em sua maior parte, perdeu essa vitalidade. Você mesmo já deve ter sentido isso, tenho certeza. Onde estão as vidas transformadas? Onde estão as curas? Onde está a crença pela qual os homens se dispõem a morrer?"

Nas noites que passava em casa, Bredesen começara a ler as narrativas bíblicas acerca das igrejas primitivas, com essas perguntas em mente, e, quase que instantaneamente, encontrou uma preciosa indicação. Quanto mais lia, mais convencido ficava de que os crentes do primeiro século recebiam sua vitalidade do Espírito Santo e, mais especialmente, de uma experiência que, no Novo Testamento, se chama batismo no Espírito Santo.

Bredesen resolveu que ele mesmo passaria por essa experiência e começou a buscá-la, afastando-se em período de férias. Dirigiu-se aos montes Allegheny, ocultou-se em uma cabana, nas montanhas, e ali começou a orar horas e horas a fio. Determinou em sua mente que permaneceria naquela cabana até atingir um novo nível de comunicação com Deus. Dia após dia, mantinha sua vigília de oração.

Finalmente, certa manhã, quando orava de pé, em voz alta, do lado de fora da cabana, pareceu-lhe que grande calma sobrevinha às colinas. Cada fibra do corpo de Bredesen ficou tensa, como se todo o seu ser estivesse entrando em uma nova dimensão de consciência. Deixou de orar por um momento. E, então, quando reiniciou sua oração, de sua boca saiu aquilo que abaixo damos, em suas próprias palavras, conforme as escrevi no dia em que ele me narrava o acontecido:

"... o mais belo proferir de vogais e consoantes, e também algumas sílabas estranhas, guturais. Eu não podia reconhecer coisa alguma do que dizia. Era como se eu estivesse escutando alguém falar em idioma estrangeiro, exceto que saía dos meus próprios lábios".

Admirado, curioso e um tanto assustado, Bredesen desceu correndo pela colina, ainda falando em voz alta aquela língua. Chegou ao início de uma pequena comunidade. À entrada de uma cabina, estava assentado um homem idoso. Bredesen continuou a falar naquele idioma que saía tão fácil e naturalmente de seus lábios. O homem respondeu, falando rapidamente em um idioma que Bredesen desconhecia. Quando se tornou patente que não se estavam entendendo, o homem idoso falou em inglês.

"Como você pode falar polonês, sem compreendê-lo?" perguntou o homem.

"E eu estava falando polonês?"

O homem soltou uma gargalhada, pensando que Bredesen estivesse brincando. "Naturalmente que era polonês", insistiu o velho.

Mas Bredesen não estava para brincadeira. Até onde podia lembrar-se, jamais ouvira alguém falando esse idioma.

Eu continuava meditando profundamente sobre a narrativa, quando ele me contou uma segunda experiência. Essa ele a teve no saguão de um hotel novaiorquino. Bredesen estava em uma reunião realizada à hora da refeição matinal e deixara seu chapéu em uma cadeira, fora da sala de refeições. Quando chegou a hora de partir, viu que a cadeira estava ocupada não pelo seu chapéu, mas por uma jovem muito bonita.

Nessa época, Bredesen era solteirão, e seus instintos masculinos levaram-no a estender a conversa além de um formal: "Por favor, viu o meu chapéu?" A jovem notou o colarinho clerical, e, em poucos minutos, estavam profundamente envolvidos em uma conversa sobre assuntos religiosos. Em pouco tempo, a jovem revelou-lhe voluntariamente que sua própria vida religiosa a deixava um tanto insatisfeita. E Bredesen não demorou a dizer-lhe que ele também sentira essa falta, mas que descobrira uma nova dimensão em sua vida devocional, mediante o falar em línguas.

"Mediante o quê?" perguntou a jovem.

"Mediante o falar em línguas que Deus nos dá", explicou Bredesen; e passou a contar à jovem um pouco de suas experiências. Nos olhos da moça, Bredesen viu a incredulidade estampada, e também algo como apreensão.

"O senhor pode falar nessas línguas a qualquer momento que quiser?" perguntou ela. E Bredesen parece ter podido observar que ela se afastava dele o mais que podia, em sua cadeira.

"Elas nos são dadas como oração".

"Mas bem, o senhor pode orar em línguas sempre que quiser?"

"Sim. Você gostaria que eu orasse assim agora?" A moça olhou em volta do saguão, e dessa vez notava-se alarme em seus olhos.

"Não quero embaraçá-la", disse Bredesen, e assim dizendo inclinou a cabeça de leve, e, após pequena oração em silêncio, começou a falar com palavras que para ele pareciam ininteligíveis. Os sons eram entrecortados e cheios de "pp" e "kk". Ao terminar, abriu os olhos e viu que o rosto da jovem deixava transparecer admiração.

"Mas... mas... eu o compreendi. O senhor estava louvando a Deus. Estava falando em antiqüíssima forma de árabe".

"E como é que você sabe disso?" perguntou Bredesen.

Então soube que a jovem era filha de um egiptólogo, e que ela mesma falava várias línguas árabes modernas e que estudara o árabe arcaico.

"O senhor pronunciava as palavras com perfeição", ajuntou ela. "Onde poderia ter aprendido o árabe antigo?"

Harald Bredesen sacudiu a cabeça. "Eu nunca o aprendi", disse. "Eu nem sabia que existia esse idioma".

Minha entrevista com Harald Bredesen deixou-me mais indeciso do que iluminado no entendimento. Certamente que deve haver uma explicação lógica para as histórias que ele me contou. De outra maneira, o que ele garantia ter ocorrido eram milagres dos mais autênticos e inegáveis, e isso simplesmente não se adaptava a qualquer coisa que eu conhecesse no mundo de hoje.

Bredesen disse-me que, após a sua experiência, descobriu que existe todo um ramo do cristianismo evangélico cuja grande característica é o falar em línguas. E que esse ramo são os pentecostais, que derivam seu nome da festa do Pentecoste, quando o falar em línguas ocorreu pela primeira vez. Eu já ouvira mencioná-los antes, mas nunca ligara muita importância ao fato; pensava que fossem apenas mais uma das seitas à margem do cristianismo.

Mas, que margem! Na biblioteca, fiquei sabendo que existem oito milhões e quinhentos mil pentecostais pela face da terra, e que mais de dois milhões deles vivem nos Estados Unidos[1]. So-

[1] Os dados são da década de 1960, ocasião do lançamento da obra nos EUA.

mente na cidade de New York, há trezentos e cinqüenta congregações e missões pentecostais, a maioria das quais se compõem de pequenas assembléias, que se reúnem em pequenos salões alugados, nos bairros mais pobres da cidade.

"É realmente curioso, não é mesmo?" disse eu a Tib naquela noite, após o jantar. "Como pude trabalhar por todos esses anos em uma revista interdenominacional, sem jamais ter posto os pés em uma igreja pentecostal".

E decidimos que mudaríamos essa situação. Bredesen dissera-nos que a *Igreja da Rocha*, uma congregação pentecostal do Leste da cidade, à altura da *Rua Sessenta*, tinha cultos todas as terças-feiras à tarde. Na terça-feira seguinte, Tib arranjou uma babá para nosso bebê, e foi encontrar-me no centro da cidade.

O tempo estava realmente frio, quando saltamos do táxi na esquina da *Rua Sessenta e Dois* com a *Terceira Avenida*. A área é interessante; antes fora um dos bairros pobres de New York, até que o trem elevado da Terceira Avenida começou a chegar até lá. Agora se encontra em estado de transição e rapidamente se vai transformando em um dos bairros *chics* da cidade. As velhas lojas de móveis de segunda mão, na Avenida, agora vendem antiguidades, e um antigo armazém de ferragens da esquina se transformou em uma loja de objetos de bronze e ferro fundido. Um homem idoso e maltrapilho passou empurrando um carrinho de bebê cheio de farrapos e garrafas, pela calçada. Ao lado dele, passava uma senhora acompanhando três cães *poodles*; e os cães usavam casaquinhos.

O próprio templo da igreja era um edifício de tijolos brancos, que antigamente fora uma moradia particular. O interior estava pintado de novo de azul pastel, e toda a decoração era muito simples. Por detrás do coro, exaustores tentavam valentemente manter o ar fresco. Não era em nada diferente de uma dúzia de pequeninas igrejas em que estivéramos presentes, exceto em uma coisa: estava tão apinhada que foi com dificuldade que encontramos um lugar onde nos assentarmos.

"Eu nunca vi qualquer coisa semelhante a isto em uma tarde de terça-feira", sussurrou Tib.

Encontramos dois assentos no fundo do salão e começamos a olhar à nossa volta. A congregação provinha de maior variedade de camadas da sociedade do que acontece em muitas outras igrejas. Havia alguns poucos capotes de arminho, mas havia também camisas azuis de sarja, dos operários. Ainda, vários uniformes na congregação: alguns de enfermeiras de um hospital próximo, alguns uniformes pareciam de babás que, cerca de uma hora antes, devem ter puxado carrinhos de bebês pelo parque. Havia um motorista de automóvel, fardado. Talvez uma de cada cinco pessoas, presentes ali naquela tarde, era de raça negra.

Eu não sabia dizer se um culto estava em funcionamento, ou não. A congregação parecia na expectativa, atenta, e, no entanto não parecia haver um líder nem qualquer ordem de adoração. Uma mulher, na fileira da frente, subitamente falou em voz alta. "Bendito seja Jesus!", disse ela em uma voz que era quase um cântico, e, de todas as partes do templo, ouviram-se pequenos suspiros concordantes. A mulher de raça negra, sentada ao nosso lado, estivera de cabeça levantada, de olhos bem cerrados. Mas agora levantava as mãos para os céus, de palmas para cima, como se estivesse recebendo do alto alguma benção inefável. Então, por toda a congregação, braços se levantaram, mãos se abriram, nesse mesmo gesto de recebimento. Do outro lado do salão, fez-se ouvir uma voz masculina:

"Louvado seja o Senhor!".

O aspecto psicológico da multidão me fascinava. Eu já ouvira falar em "atitude de grupo", mas nunca testemunhara o fenômeno até que entramos naquele salão e vimos que ela realmente existe. Havia um vínculo indefinível, um acordo quase palpável entre os seres humanos diversos, reunidos naquele salão. A ordem que prevalecia era algo orgânico, vivo e não seguia regras ou a vontade de um presidente; mais parecia a reação íntima, como das células de um corpo que cooperam juntamente entre si.

Vez por outra, alguma pessoa da congregação se levantava de seu assento, caminhava pelo meio do corredor de assentos e desaparecia em um segundo salão, por detrás do púlpito. Após algum

tempo, a atitude fácil e livre se infiltrou também em mim. Inclinei-me e perguntei a Tib se ela queria ir comigo até o citado segundo salão.

"Vamos", respondeu ela.

Entramos em uma sala com cerca de cinco metros de lado, quadrada, forrada no assoalho com um tapete marrom. Junto às quatro paredes, havia cadeiras de costas retas, encostadas de encontro a elas. Não havia outra mobília.

Dez ou doze dessas cadeiras estavam sendo usadas, não para as pessoas se assentaram nelas. Cada cadeira era, em realidade, um altar particular, defronte o qual os irmãos se ajoelhavam , usando o assento para descansar os braços. E, assim, para não ficarmos de pé a olhar os outros, ajoelhamo-nos também. Mas foi um gesto desnecessário: o povo que ali estava não se dava conta de nossa presença. Oravam em voz alta, ou então em voz baixa, e ocasionalmente eu apanhava a palavra "Jesus". Mas, ao dar maior atenção, percebi que a maioria do grupo não estava orando em inglês. Estranhas combinações de sons e ritmos não familiares pulsavam ao redor de nós. Pareciam estar orando individualmente, ainda que houvesse um efeito total como de uma adoração em grupo. O ruído da oração aumentava e então diminuía.

"Isso deve ser oração em línguas", sussurrei para Tib.

Ficamos na saleta talvez mais quinze minutos. Ao fim de cinco minutos, o chão duro, por debaixo do tapete fino, me fazia doer os joelhos. Mas os outros continuavam orando, indiferentes ao conforto.

E então, subitamente, como se fossem uma só, todas as vozes pararam.

Ergui os olhos. Ninguém havia entrado na sala. Não havia qualquer estímulo visível, que pudesse ter afetado a todos da mesma maneira, mas, como se fossem um só grupo, todos haviam interrompido sua oração. Uma senhora idosa levantou-se lentamente sobre os pés e saiu da saleta sem falar com ninguém. Um homem também se levantou e saiu. Uma a uma, as pessoas se retiraram da pequena saleta, que servira de santuário. Também nos levan-

tamos e retornamos aos nossos assentos, alegres pelo fato de termos deixado hinários que nos reservaram os lugares que ocupáramos no salão principal de cultos.

Então uma senhora alta e magra se colocou por detrás do púlpito e convidou a congregação para cantar certo hino. E que cântico foi! O salão inteiro explodiu em cântico. O homem que estava ao nosso lado, vigoroso como era, cantava como se toda a reputação da igreja dependesse exclusivamente dele. Ele cantava o baixo, não talvez as notas do baixo que estavam escritas no hinário, mas que, de qualquer maneira, se harmonizavam com a melodia do compositor. E a mulher à nossa direita estava simplesmente transportada. De olhos ainda fechados, ela cantava e gesticulava, esquecida de tudo, com exceção da música.

Gostei dessa parte, a despeito do emocionalismo. Quando nós chegamos à "Segurança Bendita" (notar que digo "nós", porque por essa altura Tib e eu estávamos cantando tão alto como qualquer outra pessoa), alguma coisa aconteceu como eu nunca vira antes. O diretor dos cânticos deixou que o coro se repetisse à vontade. Cantamos por várias vezes o mesmo coro: "Conto esta história, cantando assim, ao Salvador louvando sem fim". A repetição, longe de ser monótona, produziu o notável efeito de aumentar a excitação, assumindo uma qualidade quase inebriante.

E então começaram as palmas, no meio de um hino. Não era um ritmo simples, mas complexo, num momento em tempo duplo, depois em meio tempo, um tanto sincopado, como que entremeando-se na música. Essas palmas afastavam-se por demais de nossos costumes, e não participamos, mas notei que a ponta do sapato de Tib estava acompanhando o ritmo do cântico de modo tão pentecostal como o de qualquer outro.

O cântico não cessou subitamente, mas foi morrendo gradualmente, até que, de repente, de algum lugar lá na frente, um homem falava em alta voz uma língua que eu não compreendia. Gerações de uma outra tradição em mim se abalaram com a tonalidade de estádio de futebol daquela voz, em um auditório evangélico, mas parece que ninguém mais se importava com isso. Abateu-se profundo silêncio sobre o salão. Todos estavam calmos,

como se esperassem por algo mais. E então um outro homem, de algum outro lugar, elevou, em seguida, a sua voz. Esse segundo homem falava em inglês, mas com os mesmos tons elevados, estáticos e rápidos que usara o irmão que falara em línguas. Era uma exortação que dizia mais ou menos "... esperai grandes coisas nestes dias".

"O Senhor tem agido poderosamente", clamava a segunda voz. "Ele deu a sua promessa e será fiel nestes últimos dias..." e disse mais ainda com o mesmo sentido.

Inclinei-me e perguntei ao meu vizinho o que estava acontecendo.

"Ele está interpretando", respondeu o homem. Quando fiquei mais versado na teologia pentecostal, descobri que o "dom da interpretação" é reputado como paralelo ao "dom de línguas", sendo, de fato, considerado o dom acompanhante, que deve ser buscado juntamente com as línguas. Uma "interpretação" apresenta-se como o conteúdo da mensagem que acaba de ser dada em uma língua desconhecida, mas difere da tradução, devido ao fato de que o intérprete não entende mais da língua falada do que aquele que a falou. Antes, o intérprete sente que lhe é dado, misteriosamente, o conhecimento do que foi dito em línguas, e levanta-se para compartilhar disso com a congregação. Naquela tarde, conforme já disse, não entendi coisa alguma de tudo isso. Tão somente notei que sempre que alguém falava em línguas em voz suficientemente alta para que todos os presentes ouvissem (e isso aconteceu por três vezes diferentes), imediatamente algum outro se levantava e dava a interpretação em inglês.

O sermão, naquela tarde específica, foi apresentado em quarenta minutos. O texto foi a história da travessia do mar Vermelho por Moisés. Foi um sermão perfeitamente comum, excetuando-se um particular: o pregador dependia da congregação, para que o apoiasse, mais do que eu estava acostumado a ver. Suas declarações eram pontuadas com comentários aprovadores por parte dos ouvintes: "Sim, irmão!" e "Amém" e até mesmo "Aleluia!", expressão essa que eu nunca ouvira fora da música própria da Páscoa. Quando ele chegava a um pensamento a que a con-

gregação correspondia, o pregador se animava e permitia que o ponto fosse repisado, mais ou menos da mesma maneira que o coro continua as palavras de um hino: "Ele atravessou o mar. Sim, Moisés atravessou o mar. As águas se dividiram, e ele atravessou o mar. Moisés atravessou o mar!"

O sermão terminou. As luzes de iluminação pública brilhavam penetrando pela entrada, enquanto a congregação se escoava pelo corredor de bancos e chegava até à calçada. Ao lutar para vestir o meu sobretudo, percebi que estivéramos numa igreja em uma tarde de terça-feira, por cerca de três horas. Lá fora era noite; os bem penteados *poodles* estavam sendo levados para o seu jantar.

Caminhando de volta para casa, sentimo-nos em conflito no tocante àquela tarde que acabáramos de passar juntos. O tempo, sem dúvida, passara com rapidez: no que diz respeito à cor e à ação, era tudo como visitar um país estrangeiro em período de grandes festividades. Também havia profunda excitação em tudo. Senti indícios de grandes coisas ali; porém estava embaraçado pelo fato de as pessoas exibirem tão abertamente as suas emoções defronte de outras e estava espantado em vista de atitudes tão diversas daquelas que nos eram familiares.

Quando ia saindo da pequena casa de oração, eu perguntara ao pastor de onde provinha aquela forma de adoração.

"Ora, da Bíblia", respondeu ele. "Da última parte do décimo, quarto capítulo da primeira epístola aos Coríntios".

Naquela noite, ao pé da lareira de nossa sala de estar, em Chappaqua, Tib e eu examinamos o trecho. Ali, como se houvesse sido escrito a respeito do culto em que estivéramos naquela tarde, estavam as palavras de Paulo:

"Que fazer, pois, irmãos. Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele outro, língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação. No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isso sucessivamente, e haja quem interprete. Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus. Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o

dom de profetizar e não proibais o falar em outras línguas. Tudo, porém, seja feito com decência e ordem" (I Coríntios 14.26-40).

Naquela noite, depois que minha esposa Tib se recolhera ao nosso quarto, fiquei sentado sozinho na sala de estar, por algum tempo; enquanto a sala era iluminada apenas por alguma chama ocasional que aparecia no meio do fogo que brilhava fracamente. E ocorreu-me que o fogo era um tanto parecido com a experiência que eu tivera com Cristo. Aquela relação brilhava vigorosamente por um tempo, mas agora estava apagando-se.

Porventura o combustível de uma única experiência se acabaria, e eu ficaria novamente frio? Eu estivera lendo o livro de Atos, e era perfeitamente claro para mim que os cristãos da Igreja primitiva não haviam enfraquecido em sua experiência com Cristo. Nem haviam esfriado aqueles irmãos pentecostais, que adoravam em sua pequena e engraçada congregação, naquela tarde de terça-feira. Apesar de tudo quanto me pareceu estranho naquele culto, achei que aquela gente estava experimentando a companhia real de Cristo, que eu podia compreender porque também, de certa feita, desfrutara dela – no hospital. Talvez a linguagem deles fosse estranha, e suas ações, muito peculiares; mas, se olhássemos para além disso, se olhássemos para seus rostos, ao invés de para seus maneirismos, veríamos a alegria, veríamos a vida.

Capítulo III

Testemunha Inesperada

Na manhã seguinte nevava, e o vento era frio e violento. Cerca das dez horas da manhã, os rapazes e eu fomos cavar um caminho no meio do acúmulo de neve, para dar passagem ao carteiro. De algum modo, a intoxicação espiritual do dia anterior parecia algo extremamente remoto. No meio do trabalho com as pás, eu contei a Scott e a Donn como fora o culto a que estivera presente. Porém, sendo meninos de apenas nove e seis anos, respectivamente, a principal reação deles foi a admiração por alguém ir à igreja em um dia que não era domingo.

Eu tinha de entregar algumas cartas ao carteiro, pelo que coloquei Elizabeth, de três anos de idade, a vigiar, para informar-me de sua chegada, numa janela do andar térreo, e voltei ao meu escritório, no sótão. A escola dos meninos estava fechada naquele dia por causa da neve, e eu escutava o vai-e-vem dos lances do jogo de *Monopólio* que eles levavam avante na sala, quando subitamente me raiou o pensamento de que os meninos estavam com a razão. O culto a que eu assistira no dia anterior fora realmente estranho. Era muito rude saltar no meio de um culto, na igreja, e ficar bradando em voz alta. Era ridículo levantar as mãos acima da cabeça. Eu estava com a razão desde o princípio: tudo aquilo só era interessante como estudo de psicologia de grupo.

"Lá vem ele!" dizia Elizabeth muito excitada, anunciando a chegada do carteiro. E fui ao encontro dele, para receber nossas cartas e entregar outras.

A primeira carta que me foi entregue tinha o carimbo de *Mount Vernon*, e eu compreendi que era de Harald Bredesen. Eu estava

desencantado com toda a questão daqueles fenômenos na igreja; de volta, subindo pela escada, encontrei-me pondo a carta de Harald no fim da pilha de cartas. Finalmente ela jazia sobre a escrivaninha sozinha, até que a abri sem qualquer entusiasmo. Dentro havia algumas páginas tiradas de uma revista , com uma pequena nota em que se podia ler escrito a mão: "Pensei que você estaria interessado nisso. H. B.".

Fiquei interessado, deveras, parcialmente por haver sido escrito por um homem que eu conhecia: o Doutor Henry Pitney Van Dusen, então presidente do *Union Theological Seminary*, de New York. Mas fiquei especialmente interessado quando percebi o tema explorado. O Doutor Van Dusen escrevia sobre o que chamava de "Terceira Força" do cristianismo e abordava parcialmente a questão dos pentecostais.

O que teria o presidente de um dos maiores centros intelectuais do país a dizer sobre aquela gente tão afastada do intelectualismo? Derramei o resto do café que havia no bule em minha xícara e acomodei-me para ler sobre a viagem que o Doutor Van Dusen acabara de terminar em redor do mundo. Ele estivera em vinte países e, em cada um deles, visitara os mais proeminentes líderes das denominações protestantes tradicionais. Por toda parte, encontrara a profunda preocupação com o fenomenal crescimento dos não-conformistas cristãos, especialmente os chamados pentecostais.

"Você está preocupado", perguntara ele a um bispo anglicano, "porque esses novos movimentos estão atingindo pessoas que você nunca atingiu, ou porque eles estão levando os seus membros?"

"Ambas as coisas", respondera o bispo.

Antes que o Doutor Van Dusen terminasse de digerir toda a informação que recolhera em sua viagem, já estava falando de "... uma terceira e poderosa ala da cristandade", que se levantava, ousadamente, lado a lado com as alas católica e protestante. E, no âmago mesmo dessa terceira força, se encontra o reavivamento pentecostal.

"Há várias fontes de poder que têm feito dessa terceira força o mais extraordinário fenômeno religioso de nossos tempos", es-

creveu o Doutor Van Dusen. "Seus grupos pregam uma mensagem bíblica direta, facilmente compreensível. Comumente prometem uma experiência imediata, transformadora da vida, do Deus vivo em Cristo, que é muito mais significativa para muitos indivíduos do que a versão dela que se encontra nas igrejas convencionais.

Eles abordam diretamente as pessoas em seus lares, nas ruas, ou em qualquer lugar – e não esperam que venham primeiro à igreja. São dotados de grande ardor espiritual, o que, algumas vezes, mas certamente nem sempre, é excessivamente emocional. Pastoreiam seus convertidos em um grupo comunitário íntimo, apoiador: uma das características de cada renovação cristã vital, desde que o Espírito Santo desceu sobre os discípulos no primeiro Pentecoste. Dão forte ênfase ao Espírito Santo – tão negligenciado por tantos crentes tradicionais –, como sendo a presença imediata e poderosa de Deus, tanto na alma humana individual, como na comunidade cristã. Acima de tudo, esperam que os seus seguidores pratiquem um cristianismo ativo, incansável, sete dias por semana.

Até recentemente, os demais protestantes consideravam esse movimento como um fenômeno temporário e passageiro, que não merecia grande atenção. Mas agora há um reconhecimento sério e crescente de suas verdadeiras dimensões e de sua provável permanência. A tendência de rejeitar a sua mensagem cristã como inadequada está sendo substituída pela mais humilde disposição de investigar os segredos de seu imenso alcance." (Revista *Life*, 6 de junho de 1958).

Foi uma declaração extraordinária.

Como eu queria saber mais a respeito, escrevi ao Doutor Van Dusen naquela mesma tarde, solicitando uma entrevista com ele.

Cerca de dez dias mais tarde, Tib e eu fomos vê-lo juntos. Essa visita foi especialmente significativa para mim, porquanto meu próprio pai ensinara no *Union Theological Seminary* até o seu falecimento. Sentado no apartamento do Doutor Van Dusen, no seminário, eu podia olhar através do pátio para o escritório que meu pai ocupara. Um pouco além da esquina, eu bem o sabia, estava o

antigo apartamento de meus pais, onde, por seis anos, trazíamos as crianças para uma visita, a cada domingo. Agora, minha volta ali estava repleta de memórias.

O Doutor Van Dusen deve ter sentido que aquela volta ao lar muito significava para mim e para Tib, porque ele se dera um trabalho especial de preparar o chá. O trabalho era especial, porque tanto a sua esposa como a empregada haviam saído, e ele teve de preparar sozinho o chá. Agora estava sentado defronte de nós e provou de sua mistura.

"Forte demais", disse ele, sacudindo a cabeça. "Forte demais. Eu trouxe um pouco de gengibirra – talvez possamos diminuir a força do chá com um pouco de gengibirra".

Provou mais um pouco da mistura de chá muito forte e de gengibirra, fez uma careta e deixou a xícara sobre a mesa. "Sirvam-se de bolachas", disse ele. "Estou realmente alegre em vê-los. Talvez vocês saibam que estou muito interessado pelos pentecostais".

O Doutor Van Dusen relatou-nos sua viagem para o Mar das Caraíbas, alguns anos antes, quando ele estivera presente a um culto pentecostal pela primeira vez. "Você sabe", disse ele, "que isso foi uma vergonha terrível. Pensar que o presidente do *Union Theological Seminary* teve de viajar até as Caraíbas para estar presente ao seu primeiro culto pentecostal. Chocante!"

O Dr. Van Dusen saiu dessa experiência com diversas impressões. E a primeira foi bem estranha.

"Senti-me perfeitamente à vontade", disse ele. "A despeito das vastas diferenças – e certamente eram vastas – senti-me perfeitamente em casa. Senti que eu estava retrocedendo no tempo para uma experiência cristã. Primitiva, mas muito vital. Acredito que Pedro, Barnabé e Paulo se sentiriam mais à vontade em um bom culto pentecostal do que na adoração formal e ritualística da maioria de nossas igrejas modernas".

O Doutor Van Dusen saiu impressionado com as línguas. Tal como nós, ele observara e escutara, fascinado, o povo orando "no Espírito".

"Parecia-me", disse ele, "que esse falar em línguas era uma espécie de terapia espiritual. Foi uma experiência estranha e abaladora ouvir as línguas pela primeira vez. Mas uma impressão se ressalta acima das demais. Saí dali sentindo que aquilo era uma liberação de forma basicamente saudável. Deixava as pessoas em melhor estado: libertas, tranqüilas."

"Nunca passei por essa experiência", continuou o Doutor Van Dusen, "mas posso compreendê-la quando penso em alguns de nossos maiores poetas. Com freqüência atingem um ponto onde simplesmente não mais comunicam idéias inteligíveis. Por exemplo, os poetas Blake, e Auden, e Gerard Manley Hopkins. Todos eles têm escrito algumas frases completamente irracionais. Não "fazem sentido". Isso, ao que me parece, é o segredo da natureza irracional das línguas. O coração humano finalmente atinge um ponto em que as palavras – a definição das palavras, segundo os dicionários – não são mais adequadas para tudo quanto clama para ser dito".

Eu estava admirado com a seriedade que o Doutor Van Dusen dava a tudo isso. Mas foi justamente antes de nos despedirmos que o Doutor Van Dusen fez a declaração que, como se diz, inclinou o prato da balança, e que me levou a resolver, de modo definido, que eu queria descobrir tudo o que fosse possível no que se refere aos pentecostais.

Chegara o momento de nos despedirmos. Tib estava de pé, mas o Doutor Van Dusen permanecia sentado; era claro que ele ainda tinha algo para dizer.

"Tenho chegado a sentir", disse ele, evidentemente escolhendo bem as palavras, "que o movimento pentecostal, com sua ênfase no Espírito Santo, é mais do que apenas mais um reavivamento. É uma revolução que, em importância, se compara ao estabelecimento da primitiva Igreja Apostólica e à Reforma Protestante".

Foi preciso algum tempo para que eu apanhasse o verdadeiro significado dessas palavras. O Dr. Van Dusen estava dizendo que esse reavivamento – sim, representado parcialmente por aquela pequena igreja onde os crentes agitavam os braços, falavam em línguas e batiam palmas, que Tib e eu visitáramos na terça-feira à

tarde – não podia ser comparado nem mesmo com a fundação de uma das grandes denominações protestantes, como o presbiterianismo ou o metodismo. Pelo contrário, só era comparável com o protestantismo e o catolicismo.

Tib e eu voltamos para casa, em nosso automóvel, com a cabeça girando. Como era possível que o Dr. Van Dusen pudesse comparar o movimento pentecostal com a fundação da Igreja Primitiva?! Será que ele estava isolado nessa sua opinião? Durante algumas semanas que se seguiram, li extensamente sobre o assunto. E foi justamente ao arranhar assim a superfície do tema que descobri indícios realmente vitais.

Em primeiro lugar, aprendi que o movimento pentecostal estava muito mais espalhado do que eu sonhara. Incluía não somente os oito milhões de membros das chamadas "igrejas pentecostais"; o mais significativo é que incluía um número incalculável de pessoas, dentro das denominações tradicionalmente estabelecidas, tanto católicas como protestantes, que experimentavam agora, em seu meio, essas mesmas manifestações de poder sobrenatural e inexplicável.

Em segundo lugar, descobri que o Doutor Van Dusen, de forma alguma, estava isolado em sua avaliação sobre esse fenômeno espiritual. Personalidades, figuras, tanto das denominações protestantes como das igrejas católicas, expressavam uma preocupação e interesse semelhantes. Fiz uma lista de nomes e a coloquei no arquivo que começara, numa pasta intitulada "Reportagens sobre Línguas", e prometi a mim mesmo que algum dia eu iria visitar esses homens.

A dificuldade é que essas pesquisas estavam ameaçando roubar-me mais tempo do que eu podia dispor. O assunto me fascinava, mas, ao mesmo tempo, havia os compromissos com as revistas, que produziam a nossa renda mensal. Vinha-me uma crescente frustração a respeito, porquanto sentia que eu havia tropeçado naquela grande história que se atravessa no caminho de cada escritor apenas uma vez na vida e eu nada podia fazer quanto à questão.

E então aconteceu algo que alterou completamente a situação. Em uma festa realizada na vizinhança, certa noite, contei a história de como Harald Bredesen havia falado em polonês. Já tinha percebido que a história era boa para festas: apesar das explosões de indignação ou de hilaridade que inspirava, sempre as pessoas pareciam interessadas em ouvi-la. Mas, naquela noite, estava presente à festa um homem que eu não conhecera antes, de nome Sam Peters. Ao nos levantarmos da mesa, Peters chamou-me em particular, para um lado.

"Quero dizer-lhe", começou ele, "que estou fascinado com a sua história. E gostaria de recolher maiores informes. Poderia você vir até o meu escritório?"

Dessa maneira, descobri que Peters trabalhava para uma publicadora de livros. Fui visitá-lo em seu escritório, em Manhattan, e, dentro de algumas semanas, eu era contratado para escrever um livro sobre todo o fenômeno das línguas e o que tal fenômeno poderia significar. O publicador tomou a resolução de financiar todas as pesquisas.

"Há uma coisa que preciso deixar bem claro", disse eu a Peters, ao final de nossa entrevista. "Você sempre diz 'essas suas línguas'. Elas não são minhas línguas, Peters, e nem quero que sejam. Estou interessado e intrigado, mas certamente não estou participando. Sou um episcopal, sabe, e penso que nós, os episcopais, somos bem sóbrios".

Peters sorriu. "Eu sei. Ninguém está lhe pedindo para ficar envolvido pessoalmente. Tão somente faça bom trabalho de reportagem. Isso é tudo quanto lhe solicitaremos".

"Ótimo", retruquei. "Nesse caso, estamos bem compreendidos. Eu sempre disse que o melhor repórter, afinal, é aquele que mantém distância conveniente".

Capítulo IV

A Tolice de Stone

Comecei a sentir que manter-me à distância dessa gente seria atitude bem simples.

Achava-me sentado no principal salão de leitura da Biblioteca Pública de New York, com uma pilha de livros já esgotados na imprensa sobre a escrivaninha na minha frente; mas o mundo a que esses livros me conduziam parecia mais removido de meu próprio ambiente suburbano que nenhuma outra coisa. Eu estava tentando encontrar a primeira ocasião em que alguém tinha falado em línguas, nos tempos modernos. Um dos primeiros candidatos a esse posto foi um fazendeiro montanhês. Outro era um pregador itinerante, negro. Outro, ainda, um homem que dirigia uma escola que não cobrava matrícula. Havia índios no Chile, nativos africanos, vários da Índia. Tib sintetizou o abismo que nos dividia.

"Nenhum deles", disse ela, quando anunciei os resultados de minhas pesquisas, "parece ter-se preocupado com percevejos no gramado".

Ela estava com a razão. Não eram muitos entre eles que possuíam algum gramado para causar-lhe preocupações e o único que tinha um pôs nele umas vacas, para pastarem.

Foi nos Estados Unidos da América, no ano de 1900, que um jovem ministro metodista, de nome Charles F. Parham, resolveu que teria de fazer alguma coisa quanto à sua vida religiosa. Estivera lendo os Atos e as Epístolas de Paulo, confrontando então a debilidade que via em seu próprio ministério com o poder refletido nessas Escrituras. Onde estavam os seus milagres? As suas

Material com direitos autorais


Charles F. Parham

curas? Sem dúvida, disse ele de si para consigo, os cristãos do primeiro século possuíam um segredo que ele e sua igreja não mais possuíam.

Em outubro de 1900, Parham resolveu tentar descobrir esse segredo.

Chegou à conclusão de que isso requereria um estudo mais completo da Bíblia do que aquele que ele poderia realizar sozinho. Assim sendo, resolveu abrir uma escola bíblica, onde seria tanto o diretor como um dos estudantes. Resolveu que não cobraria nada pelas aulas, mas que cada aluno simplesmente daria o que pudesse, para cobrir as despesas.

O primeiro assunto anotado na sua agenda era localizar um edifício apropriado, cujo aluguel fosse pequeno – ou nenhum – por mês. E Parham encontrou tal edifício em Topeka, estado de Kansas. Era não somente vasto, mas também pitoresco. Um cidadão de Topeka, chamado Stone, começara a edificar para si mesmo uma mansão. A meio caminho, faltou-lhe o dinheiro. O andar térreo era magnificente: escadarias esculpidas, enormes lareiras, painéis caríssimos. Mas o andar de cima fora terminado com o mais barato pinho. Em Topeka, a mansão tinha um apelido. Era chamada de "A Tolice de Stone".

Charles Parham mudou-se para a Tolice de Stone e anunciou que era bem-vinda qualquer pessoa que quisesse aliar-se a ele no estudo do Novo Testamento. Quarenta alunos apareceram. Devem ter dado aos habitantes de Topeka mais assunto de conversa que a própria Tolice de Stone. Vieram de carruagem, vagões puxados a cavalo e a pé e traziam consigo suas esposas e seus filhos. Trouxeram o que lhes seria necessário para manterem suas famílias, e em breve a magnífica mansão de Stone tinha fraldas dependuradas em uma corda estendida no quintal e uma vaca pastando no gramado da frente.

Material com direitos aut